

DA FALA PARA A ESCRITA: A INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Renata Maria Fernandes de Oliveira¹

Paula Cristina Gomes²

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/ Campus III

Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS

Resumo

O objetivo deste trabalho é abordar as inadequações ortográficas que envolvem marcas da oralidade presentes nos textos escritos de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública do município de Areia - Pb. Analisamos algumas produções feitas pelos alunos considerando as influências da oralidade presentes na escrita destes textos e apresentamos sugestões de atividades que possam melhorar ou minimizar as dificuldades de aprendizagem recorrentes deste problema tão comum nos textos dos educandos, principalmente no Ensino Fundamental. Para tanto, nos embasamos nos estudos dos teóricos Fávero (2002), Marcuschi (2005), Marcuschi e Dionísio (2007). As análises constataram que, embora os alunos estejam cursando o 7º ano, as marcas da oralidade em suas produções textuais ainda são recorrentes, o que demonstra pouco conhecimento das práticas ortográficas ou domínio da norma culta. Acreditamos que a ausência de leituras significativas e orientadas pode interferir no repertório gramatical limitando o conhecimento de enunciados e comprometendo as competências comunicativas e discursivas adequadas ao contexto e às situações de práticas sociais as quais os alunos estão inseridos.

Palavras-chave: Oralidade, Escrita, Norma culta.

1. Introdução

Este trabalho tem por objetivo demonstrar como a linguagem oral influencia a linguagem escrita no aprendizado de Língua Portuguesa nas produções textuais de alunos de 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Areia - Pb. Para essa pesquisa serão analisados textos de alunos a fim de detectar essas ocorrências e buscar alternativas que possibilitem ao educando identificar a diferença entre fala e escrita e utilizar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação.

Historicamente, o surgimento da fala antecede o surgimento da escrita, isto significa dizer que antes da aquisição da escrita já dominamos a fala, que por muito tempo foi considerada o único meio de comunicação social. Ao chegar à escola, os alunos trazem consigo as marcas da oralidade que são bem definidas conforme o meio social em que eles estão inseridos, cada qual com sua peculiaridade. E nesse contexto, cabe ao professor compreender que o trabalho com linguagem oral deve ser uma prática pedagógica no dia a dia em sala de aula e que a

¹ Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UEPB, Campus III – Guarabira

² Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UFPB, Campus IV – Mamanguape.

linguagem escrita é consequência da utilização constante desta fala, assim, linguagem oral e escrita, apesar de serem modalidades distintas, apresentam funções semelhantes, e dentre elas a de promover a interação entre os sujeitos.

No entanto, sabemos que com o decorrer do tempo a escrita ganhou um espaço considerável na sociedade e que a oralidade, no âmbito escolar, não é tão valorizada. Priorizou-se um conjunto de regras exigidas pela norma culta esquecendo-se das infinitas variedades linguísticas que são utilizadas por todos os sujeitos participantes. Sendo assim, o processo de aquisição entre fala e escrita deve ser explorado pelo professor através de diferentes atividades que proporcione ao aluno a oportunidade de reconhecer essas variantes e fazer o uso adequado delas.

Os alunos envolvidos nesta pesquisa trazem uma linguagem própria de seu grupo social e inconscientemente deixam em seus textos marcas dessa oralidade, ou seja, reproduzem sem perceber a escrita de acordo com a sua fala, não entendem que deve haver uma adaptação da fala para a escrita, ou seja, é necessário que o indivíduo tenha o domínio da língua padrão. Muitos professores consideram esses desvios como “erros” e esquecem que o alunado traz consigo uma oralidade bastante desenvolvida. Ao invés de condenar esse tipo de escrita, deveria verificar o gênero em questão e analisar se houve uma compreensão do que foi escrito. Se o indivíduo consegue se comunicar, esse texto não pode ser considerado errado.

Portanto, devemos entender que a oralidade é uma prática constante em nosso dia a dia em diferentes situações discursivas e é facilmente notada em textos escritos pelos nossos alunos. Dependendo do gênero a ser trabalhado em sala de aula, o professor, mais do que ninguém, deverá ter a consciência de qual variante, formal ou informal, é mais adequada no uso da língua escrita. É interessante e necessário que o aluno além de saber a estrutura do texto a ser trabalhado saiba qual linguagem usar, mas sabemos que cabe ao docente desenvolver essa capacidade de leitura e escrita nos educandos. Essa prática promove uma reflexão entre a fala e a escrita por parte dos alunos, que por sua vez, passam a identificar essas inadequações e fazer os reajustes necessários.

2. Língua falada e língua escrita

Embora o estudo da oralidade ainda ocupe um lugar limitado na escola, não devemos ignorar que a língua falada vem adquirindo uma posição de destaque nos estudos da linguagem, uma prova disso são as inúmeras publicações que discorrem acerca do uso dos

¹ Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UEPB, Campus III – Guarabira

² Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UFPB, Campus IV – Mamanguape.

gêneros orais. As práticas de oralidade devem fazer parte do planejamento de conteúdos, pois sua utilização não tem sido priorizada pelo ensino tradicional da língua. Atualmente, para promover uma melhor interação em um mundo cercado por um universo de modalidades comunicativas, esse estudo é fundamental para a formação de nossos alunos. Segundo Marcuschi e Dionisio (2007, p. 14 - 15)

Tendo em vista o trabalho com a língua em sala de aula, sabemos que é como língua escrita que ela é ali mais estudada, mas é como língua oral que se dá seu uso mais comum no dia-a-dia. Além disso, a criança, o jovem ou o adulto já sabe falar com propriedade e eficiência comunicativa sua língua materna quando entra na escola, e sua fala influencia a escrita, sobretudo no período inicial da alfabetização, já que a fala tem modos próprios de organizar, desenvolver e manter as atividades discursivas. Esse aspecto é importante e permite entender um pouco mais as relações sistemáticas entre oralidade e escrita e suas inegáveis influências mútuas.

Sob o ponto de vista da realidade humana, Marcuschi (2005) considera o homem como um ser *que fala* e não um ser *que escreve*, por outro lado, ele afirma que a língua oral não é superior à língua escrita e ainda critica o conceito de escrita como derivação da fala. Neste sentido, podemos entender que tanto fala como escrita são fundamentais para a aquisição do conhecimento e principalmente para a nossa interação, já que somos seres sociais e dependemos dos dois processos para nos comunicar. Fala e escrita, no entanto, assumem características próprias, mas não podem ser vistas como processos dicotômicos até porque a existência de uma depende da outra e vice versa.

Sobre a fala, Fávero (2002,p 10-11):

Parece consenso que a língua falada deve ocupar um lugar de destaque no ensino de língua. A motivação para que essa modalidade seja trabalhada com tal relevo se dá de um lado, porque o aluno já sabe falar quando chega à escola e domina, em sua essência, a gramática da língua. Por outro, a fala influencia sobremaneira a escrita nos primeiros anos escolares, principalmente no que se refere à representação gráfica dos sons.

Levando em consideração a exposição acima, entendemos que a fala como prática social é adquirida no dia a dia com os outros usuários da língua através de um processo natural, pois já nascemos com a disposição para o seu aprendizado. É por meio da língua materna que o indivíduo vai se inserindo no meio social. E entendemos que, a escola é um ambiente no qual a criança tem, ou deveria ter, o contato com os mais diversos textos escritos, assim cabe à instituição escolar oferecer-lhe meios para que as duas representações da linguagem sejam privilegiadas, ou seja, “[...] depende da escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas”. (BRASIL, 2001, p.49)

¹ Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UEPB, Campus III – Guarabira

² Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UFPB, Campus IV – Mamanguape.

Nesse sentido, Bechara (1985) enfatiza que o papel da escola não é ensinar a falar, mas o de conscientizar de que a língua não é um sistema homogêneo, que as duas modalidades – fala e escrita - são variedades que os alunos devem conhecer e saber utilizá-las nas diversas formas de comunicação. Portanto, linguagem falada e linguagem escrita são processos complementares para o ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

3. Os gêneros textuais e o ensino de língua

É através da linguagem que expressamos nossas ideias, pensamentos, intenções e podemos nos comunicar com o outro por meio do texto oral ou escrito. Esse ato de comunicação social nos permite estar em contato com os mais variados textos que circulam diariamente em nosso meio. Portanto, entendemos que a variedade de gêneros textuais existentes na sociedade depende da necessidade que temos de nos comunicar com os outros. Ao sair de casa nos deparamos com várias situações de letramentos: placas, outdoor, informativos, letreiros, enfim, os textos estão presentes no nosso cotidiano nos mais diferentes formatos e finalidades, e naturalmente se tornaram fundamentais para a socialização das pessoas no mundo atual. Sendo assim, é de suma importância que, o professor de Língua Portuguesa oportunize os seus alunos a conhecerem e distinguiem os mais variados gêneros textuais e as suas funções dentro da sociedade, compreendendo as diferentes intencionalidades e os recursos de linguagem empregados em cada um deles. Para Marcuschi (2007, p.22) “É impossível se comunicar verbalmente a não ser por um gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por um texto”.

Considerando a fala de Marcuschi, compreendemos que quando o aluno ou qualquer pessoa fala ou escreve em determinada situação de comunicação, está produzindo textos em diferentes gêneros e é capaz de lidar com eles, pois é uma prática constante em que locutor e interlocutor interagem simultaneamente. Assim, podemos afirmar que a sala de aula é um ambiente de interação verbal permanente em que o uso de textos orais e escritos são situações de interação no cotidiano das pessoas envolvidas nesse espaço. Dessa forma, cabe ao professor criar estratégias pedagógicas eficientes que possibilitem o estudo dos diversos gêneros textuais com a finalidade de proporcionar o desenvolvimento comunicativo dos educandos para que sejam capazes de distinguir a estrutura do gênero e a função comunicativa no momento de utilização ou produção do texto. Dessa maneira o aluno compreenderá as

¹ Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UEPB, Campus III – Guarabira

² Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UFPB, Campus IV – Mamanguape.

diferenças da fala e da escrita durante a produção textual. Nesse sentido, Bakhtin (2011, p. 283):

Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível.

Ou seja, os gêneros textuais existem pela necessidade de comunicação entre as pessoas. Assim, o contato com os diversos gêneros que circulam socialmente proporcionam ao aluno uma possibilidade de conhecimentos linguísticos que vão além das normas gramaticais, com eles o educando é capaz de construir conceitos sobre ler e produzir textos orais e escritos de forma reflexiva e adequada a cada situação de comunicação, isto é, “o trabalho com gêneros na escola não deve ser a mera transmissão de conhecimentos construídos na área da linguística sobre os gêneros.”(SANTOS,2007,p.49). Portanto, o professor é um mediador que deve propor atividades interessantes para trabalhar os gêneros textuais em sala de aula promovendo uma interação entre os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem e, sobretudo garantir um estudo gramatical mais significativo não se detendo apenas em regras, mas, principalmente refletindo sobre o uso da língua e suas diversas situações comunicativas.

4. Análise dos textos dos alunos

Apresentaremos, a seguir, os desvios ortográficos que coletamos das redações feitas pelos alunos do 7º ano, do Ensino Fundamental, numa escola da rede pública de ensino do município de Serraria, nas aulas de Língua Portuguesa. Dos treze textos produzidos, escolhemos apenas cinco para estudarmos as marcas da oralidade na escrita. A escolha foi reduzida para que melhor pudéssemos analisá-los e devido à repetição das marcas nos demais textos.

A proposta de atividade foi a de produzir um texto dissertativo sobre a temática “A adolescência e seus dilemas”. Para isso, foram estudadas as características da dissertação, como também, alguns exemplos de textos dessa modalidade, com a temática escolhida, foram lidos e discutidos durante as aulas. Quanto à estrutura, verificamos que a maioria dos textos analisados obedecem à sequência adequada e possuem coerência, porém não nos deteremos nesta análise. Nosso objetivo é verificar as marcas da oralidade presentes nos textos escolhidos.

¹ Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UEPB, Campus III – Guarabira

² Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UFPB, Campus IV – Mamanguape.

Optamos em enumerar os textos para facilitar a análise. As produções estão na íntegra e serão analisadas posteriormente.

Texto 1

A família e o adolescente

A família é algo essencial e indispensável a vida de um adolescente. Para muitos adolescentes, essa é uma fase de difícil convivência **família** porque é a fase que eles vão se descobrindo podendo muda seu jeito de agir e de pensa.

Mas é na família que estes adolescentes encontrarão apoio, amor, carinho, amizade verdadeira que **necessitam** porque é **o lugar** onde as pessoas amadas estão.

Texto 2

O adolescente e as drogas

As drogas são uma das causas de mortes de adolescentes no Brasil. O Brasil é o país que mais esporta drogas.

Muitos adolescente e até crianças já usam algum tipo de droga **porisso** se envolvem em coisas terríveis ,com as drogas se tornam mais **agrecivos**,fazem de tudo para conseguir **dinhero** .

Na maioria dos casos para conseguir manter o vício **robame** até matam pessoas.

Texto 3

Os sonhos dos adolescentes

Os adolescentes vivem sonhando alto, com pensamentos passageiros.Os sonhos deles é temporário. Sonham com coisas do tipo moto, carro, ir **pra** uma festa.

Tem outros que sonham em coisas melhores **do tipo estuda, trabalha**, ter um futuro bom pela frente.Outros já pensam em viver a vida numa boa , nem ligar com nada mais o **serto** é **estuda e pensa** no futuro .

Claro que tem que **curti** a vida mais também **tenque** saber **curti**.

¹ Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UEPB, Campus III – Guarabira

² Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UFPB, Campus IV – Mamanguape.

Texto 4

O trabalho e o adolescente

Todo mundo sonha em **trabalha**. Muitas pessoa tenta **consegui** um trabalho **mais** não consegue porque tá difícil um emprego. Com **os adolescente** não é diferente eles querem ter seu dinheiro para **compra** o que gosta.

Para **consegui** um trabalho é preciso **estuda**. O estudo ajuda a pessoa a **arruma** um emprego bom. Mas aqui no Brasil **tá** muito difícil por causa da crise.

Mais não devemos perder a esperança um dia **agente** consegue.

Texto 5

O adolescente e a educação

A educação ensina muitas coisas para todas as pessoas **eos adolescente**. Para o Brasil sem a educação o povo **tava** perdido.

A educação ensina o respeito ao **prócimo** e aos outros também. Com educação muita gente aprende coisas boas e legais.

Analisaremos as marcas da oralidade nos textos acima de acordo com as ocorrências que seguem:

Ocorrências	Ocorrências encontradas
• Apagamento de vogal ou consoante no final da palavra:	apagamento do /R/ final em: (texto 1) “familia”(familiar),”muda”(mudar),” pensa”(pensar); (texto 3); “estuda”(estudar),”trabalha”(trabalhar), “curti”(curtir) (texto 4). consegui”(consequir),arruma([arrumar
• Apagamento da marca do plural :	(texto 2) “Muitos adolescente” (Muitos adolescentes); (texto 4) “muitas pessoa” (muitas pessoas; “os adolescente”(os adolescentes
• Troca de consoantes:	(texto 2) /SS/ por/ C/ “agrecivos” (agressivos); (texto 3);

¹ Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UEPB, Campus III – Guarabira

² Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UFPB, Campus IV – Mamanguape.



	troca do /C/ por /S/ “serto” (certo). (texto 5) troca do /X/ por /C/” próximo” (próximo). (texto 2). troca do /X/ por /S/ “esporta”(exporta).
Supressão da vogal que forma o ditongo:	(texto 2) “dinhero” (dinheiro), “roba” (rouba)
Apagamento no início da palavra:	(texto 4) “Ta” (está) (texto 5) “tava” (estava)
•Hipersegmentação	(texto 3) “Tenque” (tem que) (texto 4) “agente” (a gente) (texto 2) “porisso” (por isso).
•Supressão da vogal entre consoante:	(texto 3) “Pra” (para)
•Presença de expressão típica da oralidade (gíria):	(texto 3) “ do tipo”

Observando as ocorrências acima, podemos perceber que as marcas da oralidade estão nitidamente expostas no texto, os alunos insistem em reproduzir a sua fala na escrita de seus textos por exemplo, “pra”, “tava”, “dinhero”, são ocorrências muito comuns nas produções textuais de alunos no ensino fundamental, a troca de letras que representam o mesmo som como em “serto” ao invés de “certo,” “prócimo” ao invés de “próximo”, são processos em que o educando ainda não consegue relacionar grafema e fonema, outro exemplo muito comum é a hipersegmentação, o aluno não tem a noção de espaço entre uma palavra e outra e acabam escrevendo tudo junto, é o caso de “tenque”, quando tenta escrever “tem que”, “porisso” ao tentar escrever “por isso”.

Essas e outras ocorrências mostram que o aluno ainda não conseguiu se alfabetizar totalmente, apesar de ter ultrapassado fases, no entanto, como já foi dito anteriormente, essas dificuldades podem existir durante toda a vida desse indivíduo. Por isso, é importante que o professor mostre para esses educandos que de acordo com a norma culta da língua padrão essa forma de escrever é considerada inadequada. É interessante que o aluno tenha consciência do uso dessas palavras e saiba utilizá-las adequadamente conforme a situação de comunicação em que está envolvido no momento e qual o gênero textual que permite tais utilizações, mas isso só será capaz se o docente partir da própria linguagem do aluno como meio de utilizar a oralidade e a escrita de forma reflexiva. De acordo com Travaglia (2001) é importante trabalhar com o ensino de língua em suas variedades linguísticas:

“Todavia, se se acredita que em diferentes tipos de situação tem-se ou deve-se usar a língua de modos variados, não há por que, ao realizar as atividades de ensino e aprendizagem da língua materna, insistir no trabalho apenas com uma das variedades, a norma culta, discutindo apenas suas características e buscando apenas o seu domínio em detrimento das outras formas de uso da língua que podem ser mais adequadas a determinadas situações. Não cabe o

¹ Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UEPB, Campus III – Guarabira

² Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UFPB, Campus IV – Mamanguape.

argumento de trabalhar apenas com a norma culta porque o aluno já domina as demais: isso não é verdade, uma vez que o aluno, quando chega à escola, pode dominar bem uma ou duas variedades e alguns elementos de várias, mas sempre tem muito que aprender de diversas variedades, inclusive das que domina”.

Notamos que as marcas da oralidade estão presentes em todos os textos selecionados, mas é possível minimizar esse problema de escrita desses alunos através de atividades que poderão ser aplicadas em sala de aula diariamente. Atividades que possam ser trabalhadas com as próprias produções dos alunos, para que os produtores identifiquem e reflitam quanto ao uso da linguagem. Os módulos são aulas dinâmicas e reflexivas que permitem uma interação entre a turma de forma agradável. Possibilitando a compreensão por parte dos alunos sobre a importância do uso da língua para o contexto social. Trabalhar a estrutura do gênero em aulas diferentes com o intuito de uma produção final que realmente tenha uma circulação, por exemplo, produção de um cartaz para um evento no bairro, um folheto informativo sobre as drogas na cidade, são formas de se trabalhar a língua em contexto real (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEWLY, 2004).

Assim, o aluno será capaz de diferenciar a fala da escrita por meio de leituras constantes de diversos textos e diferentes gêneros textuais (parlendas, trava-línguas, poemas, cordéis, entre outros gêneros que exercite a oralidade), pesquisas em dicionários, treinos ortográficos, entrevistas, teatro, enfim, exploração dos mais diversos veículos de comunicação.

É importante que a escola perceba que a formação de um cidadão letrado é aquela em que o sujeito seja capaz de ler e escrever textos coesos e coerentes e que domine essa prática dentro do contexto social em que está inserido. É necessário que a escola crie possibilidades para que permita uma aprendizagem significativa capaz de levar o aluno a refletir sobre as suas práticas e promover uma interação com o mundo que o cerca.

Conclusão

O aluno, ao chegar à escola, traz consigo um vasto conhecimento da língua materna, pois já domina a fala e vive em um meio que permite o acesso a diversas formas de comunicação. Uma abrangência de variedades o acompanha e o ambiente escolar é mais um meio social pelo qual este indivíduo terá a oportunidade de ampliar esses conhecimentos e poder utilizá-los em suas práticas. Nesse sentido, cabe à escola valorizar a linguagem oral e a

¹ Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UEPB, Campus III – Guarabira

² Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UFPB, Campus IV – Mamanguape.

materna e utilizá-la como meios de trabalhar as adequações da linguagem oral presentes no vocabulário dos alunos, contribuindo para o enriquecimento de seu universo cultural e assim, poder dominar diversas situações de comunicação, seja ela oral ou escrita.

Portanto, o professor deve oferecer-lhe atividades que o leve a desenvolver diversas habilidades de leitura e escrita, através de diferentes textos que circulam socialmente, e enfatizar o uso da modalidade oral fazendo-o perceber que a língua não é um processo homogêneo. O contato com os diversos gêneros textuais é fundamental para uma aprendizagem dinâmica e produtiva no estudo da linguagem oral, como também, no desenvolvimento dos textos escritos, não esquecendo que a nossa língua apresenta algumas normas e padrões que devemos respeitar.

Em suma, a língua oral e escrita são modalidades inseparáveis, porém distintas, e que estão presentes em nossa comunicação diariamente. Saber utilizá-las adequadamente é um processo que depende de como esse indivíduo se relaciona na sociedade e de como a escola valoriza e explora as diversidades culturais que a ela são impostas. Na sala de aula, é importante que o professor valorize as peculiaridades de cada aluno e propicie atividades que o leve a se expressar e respeitar os diferentes falares, além disso, conscientizá-lo de que saber usar adequadamente a língua nas mais variadas formas, o faz tornar um cidadão consciente e crítico, capaz de conquistar um espaço privilegiado na sociedade.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. Edição. São Paulo WMF Martins Fontes, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática: opressão ou liberdade?**. São Paulo: Ática, 1985.

DOLZ, Joaquim. NOVERRAZ, Michèle. Bernard SCHNEUWLY. Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. E Org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 2002.

¹ Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UEPB, Campus III – Guarabira

² Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UFPB, Campus IV – Mamanguape.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Fala e escrita.** 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino *no 1º e 2º graus.* SP: Cortez, 2001.

SANTOS, Carmi Ferraz. **Alfabetização e letramento:** conceitos e relações /organizado por Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça., Ireimp.-Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BRASIL: **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília/DF, 2001.

¹ Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UEPB, Campus III – Guarabira

² Estudante do Mestrado Profissional em Letras – Profletras da UFPB, Campus IV – Mamanguape.